

## Alfredo Pimenta

na estima e na saudade dos seus amigos

No volume das *Páginas Minhotas*, publicado em 1950, incluiu o Dr. Alfredo Pimenta um artigo intitulado «Espadeladas». Anos atrás, em 1935, o mesmo artigo fora publicado no volume 9.º da revista *Gil Vicente*, mas sob o título «Uma espadelada no Costeado» referindo o serão a que ele assistiu na Casa do Costeado quando estava a passar férias na sua Casa da Madre de Deus, serão para que fora convidado pelo seu discípulo em Coimbra, D. José Ferrão, de cujas antigas relações realçava:

*Conhecemo-nos em Coimbra. Fomos companheiros de casa, no Bento, da Rua de S. João, uma casa muito alta, de quatro andares, com restaurante e bilhar, no rés-do-chão.*

*Ele morava no primeiro andar.*

*Lá em cima, a dominar a rua, sob o telhado, vivia o Raul Aboim, poeta e magnífico amigo que fazia habilidades acrobáticas na varanda, com pasmo e terror dos que passavam, e não se espantariam de o verem precipitar-se daquelas alturas, desamparado, na rua. Eu morava no segundo andar — o quarto de trabalho para a frente, a mesa vasta coberta com um pano preto, e na parede, em étagère, na missão de guarda do quarto, uma caveira autêntica, que ainda é viva — que fora de um velho de 70 anos, e tinha os dentes todos. A caveira ainda vive, mas os dentes foram caindo, pela acção futebolística dos meus filhos que, em crianças, aprenderam com ela, a não ter medo do que não faz mal...*

*Dos outros companheiros de então, já mal me recordo: sumiram-se na penumbra, e só em farrapos acodem à minha memória, uns nomes, uns vagos nomes.*

*O Raul Aboim e o José Ferrão esses ficaram sempre — amigos que não abandonaram os meus passos, e cuja convivência sempre me interessa.*

*O José Ferrão, muito bem educado, fidalgamente educado, com um sorriso complacente para todos os exageros, e uma tolerância encantadora para tudo o que não ultrapasse certos limites, muito inteligente, e com preocupações literárias discretamente afirmadas; cultivando os homens de valor — o que é a prova real do valor próprio, D. José Ferrão tem-se mantido constantemente nas minhas relações — desde aquela época distante em que, ao mesmo tempo, fomos escolares de Direito, na velha e douta Universidade».*

D. José Ferrão era pouco mais velho que Alfredo Pimenta. Nascidos no mesmo ano, neste mesmo ano de 1982 passam os centenários dos seus nascimentos. D. José Ferrão a 8 de Julho. Alfredo Pimenta a 3 de Dezembro. Curiosa coincidência, como se vê.

D. José Ferrão (de nome completo José Ferrão de Tavares e Távora) não nascera vimaranense, pois nasceu na Vila da Feira. Era neto do coronel de milícias da Figueira da Foz, do Exército de El-Rei D. Miguel, José Pinto Tavares Pacheco Ferrão que aos 25 anos exerceu o seu elevado posto entrando nas Campanhas do Cerco do Porto, em que foi condecorado várias vezes. D. José, casou depois em Guimarães e aqui passou a viver, fazendo da Casa do Costeado uma casa de convívio cultural onde recebeu pessoas de elevado destaque na oratória e nas letras.

Ali se hospedou o Dr. Cunha e Costa das duas vezes que veio a Guimarães fazer conferências sobre a figura patriótica de Nun'Álvares, sempre acolhidas com tumultos dos «liberais» de então. A primeira realizou-se no Teatro D. Afonso Henriques em 26 de Maio de 1920. A segunda devia realizar-se em 23 de Maio de 1921, mas, com o Teatro completamente cheio, foi insolitamente proibida pelo então governador civil de Braga, Major Rodrigues Baptista (1).

A partir daí ficou Cunha e Costa a ter um grande culto pela terra vimaranense, assim afirmado numa carta que em 7 de Outubro de 1925 dirigiu a D. José Ferrão e de que transcrevemos esta passagem:

---

(1) Cunha e Costa tinha colaborado com Afonso Costa na famosa Lei da Separação entre a Igreja e o Estado, que mais tarde viria a combater no livro *A Igreja Católica e Sidónio Pais* (Coimbra, 1921). Os tumultos eram feitos como represália contra a atitude de Cunha e Costa que passara a colaborar assiduamente no diário «A VOZ», jornal de feição católico-monárquica dirigido por Fernando de Sousa (Nemo).



D. José Ferrão



Eduardo de Almeida que escrevia a  
prosa do **Burgo Pôdre**

Em tom formal e aflautado, na Tabacaria Lemos, jurou um homem que chafarica em varios artigos e piadas :

— «*dou a minha palacra d'honra que não se publica o n.º 2.º do «Burgo Pôdre»!*...»

E o n.º 2.º cá está para lhe berrar bem alto : — não tens palavra, pobre diabo, a tua honra vale tanto como os teus chinelos! —

E a este, seguir-se-ham novos numeros, havemos de continuar, dôa o que doer, porque, tendo-nos abrigado pelo estudo á lei, queremos que se sanem as miserias e se desinfectem as podridões que não sam d'este ou d'aquelle, de Antonio ou de Bento, de Paula ou de Gracinda, que sam d'aquelles que as tiverem. Não apontamos nomes, não ferimos individualidades — a nossa obra é geral, construida sobre a realidade, na subjeição á natureza, na independencia do pensamento. Marcamos a fogo o estyigma do crime, e quem quizer que enterre a carapuça.

Acham desabrida a linguagem? Ouçam o talentoso ironista Fialho d'Almeida: — «Na litteratura, princezas, não ha nem pode haver palavras sujas. O que ha é assumptos sujos, assumptos pulbas, deleterios assumptos, que os escritores não inventam, e fazem parte do dia a dia da cidade, assumptos emfim de que a linguagem escrita é apenas o impreterivel signal graphico. Consequentemente o pudôr feminino tem apenas, como meio d'impedir que os pamphletarios escrevam plebeismos, o evitar que a sociedade seja menos tôrpe, e os seus maridos e irmãos menos caualhas.»

Não endireitamos o mundo? Somos loucos? Bem-fadada a nossa consciencia, sereno o nosso somno — roncamos talvez menos que vós.

Ameaçam-nos? Querem bater-nos? Coragem. Vai a cacete? Seja!

«O homem é, na verdade, um complicadíssimo bicho. Tenho viajado muito; tenho corrido Seca e Meca, e, contudo, nenhuma região me interessou tanto como esse recanto do Minho. A Quinta da Costa; aquela linda casa de um ex-oficial de marinha, de cujo nome me não recordo, (2) e que, vista ao pôr do sol, me deu a mais deliciosa impressão de paz e de harmonia; até o Santuário de S. Torcato, com o seu estilo arquitectónico Feira da Ladra me prenderam para sempre».

Por lá passou também, entre outros, o escritor Dr. Pires de Lima da Fonseca, que nela escreveu um dos capítulos do seu romance «A Casa do Outeiro», publicado em 1925 em edição da «Lumen», e que em carta de Outubro de 1924 para D. José Ferrão se me referia deste modo «...é ainda muito novo»... Nessa altura, na verdade, era eu ainda «menino e moço».

No artigo sobre «Uma espadelado no Costeado» citava Alfredo Pimenta diversas pessoas que a ela estiveram presentes, mas, certamente por lapso, não mencionou o Dr. Pequito Rebelo, primo de D. José Ferrão, que nessa altura também se encontrava no Costeado e no mesmo volume 9.º de *Gil Vicente* publicou, a propósito, um artigo intitulado «Impressões de uma espadelada minhota».

Mas voltemos às relações antigas, desde os tempos da velha Universidade até aos encontros amigos, ora no Costeado, ora na Madre de Deus, ora também com o Dr. Eduardo de Almeida, outro vimaranense muito dedicado ao culto da história de Guimarães e com vários e valiosos trabalhos publicados.

O Dr. Eduardo de Almeida era cerca de dois anos mais novo que Alfredo Pimenta. Vimaranense, também, como ele, vieram a encontrar-se em Coimbra, que os irmanou para sempre.

Num artigo publicado em 1952, no n.º 1083 do *Notícias de Guimarães*, Eduardo de Almeida assim relembrava esse tempo:

«...Ali, naquele pequeno quarto da Rua do Borrvalho (se me não atraíça a memória gasta), do borrvalho em que chispava o fulgor daquele génio, não havia só o clássico mobiliário de estudante — a cama, o lavatório de ferro, a estante e a secretária de pinho, a cadeira de cerejeira, a banheira de zinco...: nas estantes, coagulavam-se poetas e filósofos; sobre a secretária, coberta com largo pano preto, uma caveira entre dois castiçais, e, em vez das sebatas, nós líamos, com a alma dilacerada, *Baudelaire*, *Verlaine*...

---

(2) A Casa de Carvalho de Arca, do Comandante João de Paiva.

e discutíamos, com enlevo ingénuo e prazer toda a velha filosofia da Índia e a moderna filosofia de *Comte* ... Ao cabo de algumas horas, alucinados e exaustos, eu corria à janela e gritava que nos acudissem, primeiro, com uma pratada de bacalhau ou de iscas, e depois chamava, às vezes ... Já não me lembro de quem, nem por quem chamava.

De vez em quando, o Poeta lia-me alguns novos versos seus ainda no luminoso calor da criação: e como, em vibrante emoção, a sua voz fustigava, gemia, soluçava, revolta, imprecativa, uivante, ou quebrada, suave, cristalina, enternecida. Alma e Coração. Talento e Sentimento ... Ou, então, realizávamos em leitura, como se fossem vivas, espectrais, radiadas, páginas schackespereanas ou dostoiowsquinianas. Até sentir que fibrilhas de loucura me percorriam o corpo e incendiavam o cérebro.

— Alfredo, vamos à lição de Direito Romano.

— Isso mete o veneno do latim.

— Já o trazemos no corpo de latinos.»

Foi com Eduardo de Almeida que Alfredo Pimenta lançou, em 1905, o *Burgo podre*.<sup>(3)</sup>

O *Burgo podre* era, como viria a esclarecer Alfredo Pimenta: ... «um panfleto em prosa e verso: a prosa escrevia-a ele; os versos, escrevia-os eu. Dezasseis páginas tremendas, irreverentes, sacrílegas, com que nos propunhamos dinamitar o burgo, purificar o Céu, e limpar as almas, e lavar os corpos dos nossos conterrâneos. Convencidos de que a verdade só a possuíam os nossos espíritos de vinte anos ansiosos, e a justiça estava nas nossas bocas frementes — nada nos demoveu, nem a consideração que nos devia merecer o lar familiar, todo impregnado de tradições e preconceitos sãos, nem o receio de alguma reacção contundente. Nada. E uma tarde, ali, nas bochechas de D. Afonso estatuado, diante do burguês mais pasmado do que indignado — bumba! as dezasseis páginas do *Burgo podre* estalaram como chicotadas coléricas, juvenalescas e voltaireanas...

D. Afonso, Rei hercúleo, não se mexeu; o Burguês continuou a fazer, tranquilo, o seu chilo depurador e reconfortante; e nós

---

(3) Do *Burgo podre* conhecemos dois cadernos de 16 págs. cada um, sem título impresso, mas, para sua identificação, apenas manuscrito por quem os colecionou. Só na pág. 2 do 2.º caderno se refere o *Burgo Podre*. Parece que só saíram esses 2 cadernos, ou sejam 32 páginas, o que condiz com o que Alfredo Pimenta informou nas *Páginas Mínhotas*,

olhamos um para o outro, a rir. Ainda deitamos cá para fora outras dezasseis páginas. Mas breve reconhecemos que o mundo não valia o nosso esforço — nem a indignação das minhas rimas, nem a ironia causticante da sua prosa. E passamos a pensar noutras coisas». (4)

Quando em 1925 se iniciou a publicação da revista *Gil Vicente*, no artigo de abertura escreveu D. José Ferrão:

*«Por felicidade, Gil Vicente vem encontrar na sua nova fase uma série de factos absolutamente concordes com a doutrina do Integralismo Lusitano criada pela geração imortal de António Sardinha (cuja morte deixou há dias no espírito de todos os portugueses uma memória de grandeza incomparável). Alberto Monsaraz, Luís de Almeida Braga, Manuel Múrias, Pequito Rebelo, Pires de Lima da Fonseca e tantos outros, entre os quais se destaca, na sua nova modalidade, o escritor e pensador notabilíssimo Dr. Alfredo Pimenta cujo carácter de independência e intransigência, atentas as circunstâncias especiais da sua vida, é um exemplo raríssimo que todos os homens bons devem seguir.»*

Foi a partir de 1932, e no volume 8.º, que o Dr. Alfredo Pimenta passou a colaborar na *Gil Vicente*. (5) E foi a partir daí que as nossas relações de amizade se criaram e se mantiveram até à sua morte, e na saudade, para além dela. Em 1936 submeti-lhe à apreciação uma palestra que fizera, como comemoração Gilvicentina, num espectáculo promovido pelo Grupo Cénico «Mocidade Alegre», constituído por amadores, a fim de colher a sua esclarecida opinião acerca da publicação dessa palestra, dele tendo merecido palavras amáveis que lhe serviram de intróito e foram para mim de

---

(4) Alfredo Pimenta, *Páginas Minhotas*, pág. 54.

(5) Na revista *Gil Vicente* publicou o Dr. Alfredo Pimenta os seguintes trabalhos: — «Os nossos mortos» e «A Ditadura e os Partidos» (vol. 8.º — 1932 — pp. 11 e 89, respectivamente); «Uma espadelada no Costeado» (Vol. 9.º — 1933 — pág. 179); «Gil Vicente e Erasmo» (vol. 12.º — 1936 — pág. 185); «Para a história das Inquirições Régias» e «Infantas de Portugal» (vol. 16.º-1940 — pp. 71 e 221, respectivamente); «Sua Alteza a Senhora Infanta», «Alma minha gentil...» e «Carlos Malheiro Dias» vol. 17.º — 1941 — pp. 7,33 e 175, respectivamente); «Teófilo Braga» e «Esclarecendo» (vol. 19.º — 1943 — pp. 14 e 107, respectivamente); «Eugénio de Castro na poesia portuguesa» (vol. 20.º — 1944 — pág. 167); «Estilística de Língua Portuguesa» (vol. 22.º — 1946 — pág. 33); «A Casa da Madre de Deos» e «Coelho da Rocha e Camilo» (vol. 23.º — 1947 — pp. 8 e 65, respectivamente).

grande estímulo, bem como, a antecede-las, uma carta de que transcrevo estas passagens:

*«Meo prezado amigo: — devolvo, embora um pouco tardiamente, o seu trabalho. Não vejo inconveniente em q. o publique — trabalho de vulgarização, sem pretensões a coisa erudita ou chave de problemas difíceis, q. mt.º contribuirá para dar uma ideia da actividade de Gil Vicente, entre aqueles q. a ignoram, e não podem ou não sabem ler trabalhos fundamentais.*

*Quanto a eu escrever duas linhas a prologar o opúsculo, pode contar comigo...*

E assim aconteceu.

Em Março de 1944 distinguiu-me o Dr. Alfredo Pimenta com a amável oferta de dois seus trabalhos: — *A propósito de António Sardinha e Paiva Couceiro*, trabalhos que se tornariam polémicos e a que eu, agradecendo a gentileza, lhe expus a minha discordância, sob certos aspectos. Em resposta escreveu-me o Dr. Alfredo Pimenta uma atenciosa carta de que passo a transcrever o principal:

*Meo prezado Amigo: — pois é claro q. eu não obrigo os q. me estimam a concordar comigo. Deos me livre disso. O q. lhes exijo é q. reconheçam a minha sinceridade, a minha lealdade e a minha isenção.*

De certa altura em diante e no fim das suas férias passadas na casa da Madre de Deus, antes do seu regresso a Lisboa, um grupo de amigos passou a reunir-se com o Dr. Alfredo Pimenta em jantar convívio que se foi repetindo em anos sucessivos e enquanto o estado de saúde do Escritor o permitiu.

No jantar que se realizou em 11 de Outubro de 1947 proferiu o Dr. Alfredo Pimenta um discurso que intitulou «Em defesa da Portugalidade», de que salientamos estas palavras:

*«A saúde não é muita — basta olhar-se para mim; a disposição de espírito ainda é menos — basta conviver comigo. E o espectáculo que o mundo me oferece começa a tecer sombra penumbra de cepticismo em redor da minha inteligência caldeada em uma luta de quase meio século, e com que forjei o meu nome, e à custa da qual criei, a par de dedicações luminosas,*

*ódios canibalescos que não respeitam nem a idade, nem a sinceridade, nem o sacrifício que representa uma vida pobre e livre.*

*Assim, sem me deixar tocar do veneno da Renúncia ou vencer do ópio da Abdicação — já me está a apeteecer o silêncio, o sossego, o esquecimento...*

*Será que eu pressinta, sem querer confessa-lo, que se aproxima claramente a hora em que o braço cai, inerte, a voz emudece, de extinta, e a audácia quebra, de inútil?» (6)*

O grupo de amigos reuniu essas palavras em opúsculo que editou, e dirigiu à Câmara Municipal de Guimarães esta petição:

«Exmo. Senhor

Presidente da Câmara Municipal de Guimarães

Os abaixo assinados, amigos e admiradores do Sr. Dr. Alfredo Pimenta, eminente escritor, que a gloriosa cidade de Guimarães tem o legítimo orgulho de contar entre os seus filhos mais ilustres, vêm confiar ao carinho de V. Ex.<sup>a</sup> e entregar à devoção patriótica da primeira municipalidade portuguesa — pela sua posição inconfundível na História Nacional — um património que, embora de reduzido valor financeiro, tem o sentido e a expressão dos que mais honram e dignificam a vida do homem.

Ao oferecerem, pois, à Câmara Municipal de Guimarães a edição do último opúsculo do Mestre insigne — **EM DEFESA DA PORTUGALIDADE** — possivelmente aquele onde a sua extraordinária personalidade melhor se define e o seu amor a Portugal mais se afirma, gerado e escrito no formoso recanto da Casa da Madre de Deus — os signatários têm a subida honra de dirigir a V. Ex.<sup>a</sup>, na qualidade de digníssimo representante da Comunidade Vimaranense, um justo pedido: — o de instituir e fazer distribuir todos os anos, por si ou por intermédio da Academia Portuguesa da História ou de outro Instituto da mesma natureza, o **PRÉMIO ALFREDO PIMENTA** para ser atribuído ao estudante finalista da Universidade que mais se tenha distinguido no estudo da História Pátria dentro do sentido nacional e científico defenido no opúsculo agora publicado.

---

(6) *Em defesa da Portugalidade*, pp. 6 e 7.

Seria muito fácil aos signatários instituírem por si ou com o auxílio de um instituto erudito ou de outra municipalidade o referido PRÉMIO. Julgam, porém, que a de Guimarães não lhes perdoaria, justamente, o agravo.

Tratando-se de estimular o estudo das razões que nos tornaram grandes, nos impuzeram ao Mundo, nos distinguem dos outros povos e justificam claramente a existência da Casa Portuguesa; tratando-se de prestar justa homenagem ao vimaranense que, pelos seus merecimentos e acções pessoais, ultrapassou as fronteiras e alcançou lugar proeminente — inconfundível — no Pensamento, na Doutrina, na Cultura, na Investigação Histórica, no Ensaio, na Conferência, no Jornalismo, na dignidade da Inteligência, na inflexibilidade do Carácter e, sobretudo, na defesa abnegada, ativa e nobre dos limites geográficos, morais, políticos e sociais da Nação Portuguesa — é evidente que ninguém, e nenhuma outra terra, tem o direito de se sobrepor à que foi origem da Pátria e pelo Mundo irradiou o seu génio luminoso, ora nas benemerências da Civilização que levou a todos os continentes, ora na sensibilidade, na afeição e na grandeza do Povo Português.

Por isso mesmo entendem que não é por simples acaso, mas antes por fundas razões da nossa consciência centenária e das qualidades da histórica Vimaranes que, nesta hora inquieta e incerta, cheia de sobressaltos e de amarguras para todas as nações da comunidade europeia, a defesa da portugalidade — ou seja de tudo o que nos define como povo católico e nos excede no tempo — se encontra encarnado na voz invencível dum vimaranense que é Grande de Portugal.

Eis, Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, as razões da iniciativa e da oferta que hoje se entregam à boa vontade, ao nacionalismo e ao afecto de V. Ex.<sup>a</sup>

Na certeza antecipada de que serão bem compreendidas, amadas e acarinhadas por todos e por quantos têm na devida conta a mais alta e mais apreciada riqueza da Consciência Humana — o amor da Verdade, da Justiça e da Honra Nacional — aqui fica o testemunho da profunda consideração dos que se subscrevem

De V. Ex.<sup>a</sup>  
A BEM DA NAÇÃO»

Um então jovem e esperançoso moço que o Dr. Alfredo Pimenta estimulara e acompanhara com vivo interesse nos seus estudos de Belas-Artes, Joaquim Teixeira, havia modelado em barro um busto que ficou a adornar a sala de estar da casa da Madre de Deus. Em 1948 o grupo de amigos resolveu mandar fundir em bronze esse busto e ofereceu-o a Alfredo Pimenta por ocasião do jantar que se realizou no dia 23 de Outubro desse ano, homenagem que deveras o surpreendeu e tanto lhe agradou, por inesperada, como o exteriorizou na carta que depois me dirigiu:

*Meo caro Amigo: — o segredo foi tão severamente guardado q. o facto constituiu para mim absoluta surpresa. E só hontem tive conhecimento dos antecedentes e dos pormenores. Só hontem, pois, soube da parte q. o meu caro Alves de Oliveira tomou na iniciativa da homenagem, dessa homenagem q. não podia ser mais bella e mais significativa. Eu devia, talvez, no jantar, ter dito coisas mais lindas a esse respeito. Mas apanhado assim, traiçoeiramente, fiquei como q. embotado. Mas pode crer, não podiam ter-se lembrado de maior e mais alta prova de estima.*

*Aqui me tem a agradecer-lhe tudo o q. fez e a afirmar-lhe q. a minha gratidão será da natureza do busto que me ofereceram. (7)*

---

(7) Em sessão da Câmara Municipal de Guimarães, de 15 de Outubro de 1952, apresentei, na minha qualidade de vereador, a seguinte proposta, que foi aprovada por unanimidade:

*«Passa neste dia o 2.º aniversário do falecimento do Dr. Alfredo Pimenta, Vimaraneses dos mais ilustres, que muito amou a sua e nossa terra.*

*Por iniciativa desta Câmara foi já dado o nome de Alfredo Pimenta ao Arquivo Municipal de que o saudoso escritor foi primeiro director.*

*Em 23 de Outubro de 1948, num jantar de amigos, foi oferecido ao Dr. Alfredo Pimenta um busto em bronze, trabalho do Artista Vimaraneses Joaquim Teixeira, que o prestigioso Mestre tomou como «a maior e mais alta prova de estima.»*

*Em comemoração e homenagem, neste aniversário lutuoso, proponho:*

a) *Que esta Câmara mande reproduzir, também em bronze, o trabalho de Joaquim Teixeira, para ser colocado na sala principal do Arquivo Municipal;*

b) *Que a inauguração se faça no dia 3 do próximo mês de Dezembro, comemorativo da data do nascimento do talentoso Doutrinador;*

c) *Que se aproveite esta data e este ensejo para dar execução à proposta do vereador sr. Dr. Carlos Saraiva, de 11 de Abril de 1951, na parte respeitante à sessão de homenagem à memória do Dr. Alfredo Pimenta;*

d) *Que seja criado o «Prémio de História Alfredo Pimenta» a atribuir pela Sociedade Martins Sarmiento na conformidade da representação feita já há anos à Câmara Municipal por um grupo de devotados amigos».*

No ano seguinte e por motivos de saúde, o Dr. Alfredo Pimenta teve de regressar inesperadamente a Lisboa, e o habitual jantar não se realizou.

Mas em 1950, e antes de vir para a Madre de Deus, o Dr. Alfredo Pimenta manifestou-me, no decorrer da correspondência que mantínhamos, o desejo de reatar o convívio com os seus amigos, na forma do costume. Mas estava escrito que a homenagem de 1948 seria a última, pois também nesse ano de 1950 o Dr. Alfredo Pimenta, em fins de Setembro e por motivo do agravamento do seu estado de saúde, teve de regressar a Lisboa onde viria a falecer a 15 de Outubro.

Confirmava-se, dolorosamente, o que o Dr. Alfredo Pimenta afluara no discurso de 1947: — «Será que eu pressinta, sem querer confessá-lo, que se aproxima claramente a hora em que o braço cai, inerte, a voz emudece, de extinta, e a audácia quebra, de inútil?»

Viriam depois os seus restos mortais repousar na capelinha da Madre de Deus, em frente à sua casa, como ele desejara.

Mas a sua lembrança ficou a perdurar na saudade dos seus amigos. Em 1951, a abrir o volume XIII do «Boletim de Trabalhos Históricos», uma homenagem era prestada ao seu fundador e primeiro director, nela colaborando Rocha Madahil, A. Baltazar Alves, Antero de Figueiredo, A. de Magalhães Basto, Caetano Beirão, Domingos Maurício Gomes dos Santos S. J., Fermín Bouza-Brey, Georges Le Gentil, Gerardo Nunez, Gustavo Cordeiro Ramos, João Ameal, Joaquim Costa, José-Bruno Carreiro, Júlio Dantas, L. Cabral de Moncada, Luís G. de Valdeavellano, Luís Vasquez de Parga, Manuel Monteiro e Eduardo de Almeida.

Igualmente nesse ano, e a encerrar o 2.<sup>a</sup> volume da 2.<sup>o</sup> série, a revista *Gil Vicente* consagrou-lhe páginas de saudade subscritas por Sá Tinoco, Maria Adozinda Pimenta, A. Saraiva de Carvalho, Carlos Saraiva, Vasco da Gama-Lobo Xavier, Júlio Evangelista, Alexandre C. P. do Amaral, Luís Chaves, Delfim Maya, Manuel Araújo, César de Oliveira, e no qual também colaborei. Nesse volume igualmente foi publicado o testamento de Alfredo Pimenta e uma bibliografia, esta escrupulosamente organizada pelo seu dedicado irmão Rodrigo Pimenta.

Passa agora o centenário do nascimento do talentoso Escritor e vão decorridos trinta e dois anos sobre o seu falecimento. Mas no coração e na saudade dos seus amigos e admiradores mantém-se sempre viva a memória de Alfredo Pimenta.

*Manuel Alves de Oliveira*